

**A prática leitora no grupo Escolar Barão de Mipibu na década de 1940**

**The reading practice in the School Group Barão de Mipibu in the 1940s**

**Paula Lorena Cavalcante Albano da Cruz**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: paulalcac@gmail.com

**Maria Inês Sucupira Stamatto**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: stamattoines@gmail.com

Recebido: 26/06/2017 – Aceito: 08/08/2017

**Resumo**

A escola tem-se constituído importante no desenvolvimento de leitores, pois é tida como uma instituição privilegiada de valorização, formação e consolidação da leitura. A primeira metade do século XX no Brasil foi marcada pela disseminação de escolas primárias através dos grupos escolares, instituições que se apresentaram como vias de alfabetização das crianças brasileiras, ou seja, de inserção no mundo das letras, da leitura. Contudo, percebemos que ainda são escassos os trabalhos que contemplam as pesquisas sobre a prática leitora nas referidas instituições no contexto da História da Leitura. Dessa forma, o presente artigo pretende abordar a temática da leitura, tomando como base o estudo da prática leitora no Grupo Escolar Barão de Mipibu durante a década de 1940, período em que se observou um maior desenvolvimento na produção literária, inclusive de livros didáticos, tendo em vista o crescimento expressivo de editoras no Brasil, o que contrastou, porém, com um elevado índice de analfabetismo no país. O objetivo principal deste trabalho é, portanto, analisar os tipos de leituras ofertadas aos alunos pela referida instituição de ensino e os livros que mais apareciam nas listas para compreensão da finalidade do uso dos livros encontrados na biblioteca escolar, bem como percepção da circulação do material, revelando a relação dos alunos com a leitura. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como fonte a relação de bens móveis e os cadastros de empréstimos dos livros do Grupo Escolar Barão de Mipibu. Além disso, para a efetivação deste estudo adotamos a perspectiva da História Cultural, e, de igual modo, estabelecemos diálogo com autores que tratam do assunto, a saber: CHARTIER (2003); DARNTON (2011), CASTRO (2015) e VIDAL (2001). Ao final da pesquisa, concluímos que no Grupo Escolar Barão de Mipibu, em 1940, a prática da leitura era frágil e apresentava muitos desafios quanto a sua consolidação e, mesmo diante das reformas

de ensino ocorridas no período e do aumento na produção de livros, o hábito de ler não era uma prática usual dos alunos.

**Palavras-chave:** Leitura. Livro Grupo Escolar Barão de Mipibu. Década de 1940.

### **Abstract**

The school has been important in the reader's development, because it is considered as a privileged institution of valorization, formation and consolidation of reading. The first half of 20th century in Brazil was marked by the dissemination of primary schools through school groups, institutions that presented themselves as ways of literacy of Brazilian children, in other words, of inclusion in the letters world. However, we noticed that there are still a few papers that include researches about the reading practice in those educational institutions, within the context of History of Reading. Therefore, the present article aims to approach this reading of the thematic through the reading practice study in the School Group Barão de Mipibu during the 1940 decade, period when we noticed a further development in the literary production, including in the textbooks, through the growth of publishers in Brazil, but which contrasted with the high illiteracy rate in the country. We aim to analyze which kind of readings was offered to the students by the institution, the books that appeared the most in the lists and therefore to understand the purpose of the books using found in the school library, as well as to perceive the circulation of the material, revealing the relation between students and reading. To perform this research, we used as sources: the relation of movable and the borrowing registers of the School Group Barão de Mipibu books. We chose to develop the paper through the view of Cultural History and to contribute to the theoretical basis we seek to dialogue with authors who cover the subject, namely: CHARTIER (2003); DARNTON (2011), CASTRO (2015) e VIDAL (2001). Through the research we could determine that the reading practice was fragile and presented many challenges in its consolidation and that even in front of teaching reforms of the period and the increase in the books production, the reading habit was not an unusual practice among the School Group Barão de Mipibu students.

**Keywords:** Reading. Books. School Group Barão de Mipibu. 1940s.

### **1. Introdução**

O estudo sobre a história do livro e da leitura tem ocupado um espaço importante no âmbito das pesquisas relacionadas à História da Educação. Porém, percebemos que ainda se faz necessário um maior aprofundamento nos trabalhos que abordam o lugar do livro na

escola brasileira. Nesse caso, corroboramos com a afirmação de Castro (2015, p. 244), ao dizer que

uma lacuna tanto no campo da história da educação, como também na história do livro, ao referirmos à análise do catálogo como estratégia metodológica para entendermos, no tempo, o lugar do livro no interior (ou não) das instituições escolares, e como importante recurso recreativo para públicos distintos.

Como se nota, o livro carece de uma análise sobre a sua importância nas e para as instituições educativas, pois em uma sociedade letrada como a ocidental, marcada pelo uso da escrita, o livro possui grande relevância e precisa ser entendido como veículo de informação e conhecimento, que tem um objetivo, uma compreensão e uma utilização tanto dos que o produzem como dos que fazem uso desse material.

Estudar o livro e as formas de ler nas escolas brasileiras possibilitam conhecer como somos formados, as culturas que construímos. Portanto, pretendemos com esse artigo colaborar na construção dessa história, do livro e da leitura no interior das instituições educacionais brasileiras. Através do estudo do Grupo Escolar Barão de Mipibu/RN, analisaremos as leituras que eram ofertadas aos alunos pela instituição e assim compreender a finalidade do uso dos livros encontrados na biblioteca escolar, bem como a circulação do material, revelando assim a relação dos alunos com a leitura.

Em relação a metodologia, escolhemos trabalhar através da análise de conteúdo documental e da pesquisa bibliográfica, dando-lhe um caráter qualitativo, buscando reconhecer o que está por trás dos textos e dos dados apresentados nas fontes. A partir da documentação encontrada no arquivo escolar, a saber: Entrada e saída de livros e os Registros de bens móveis, dividimos a nossa análise em duas categorias: tipos e circulação dos livros. Na primeira categoria observamos quais livros apareciam na lista da biblioteca e assim buscamos a partir dos títulos fazer a pesquisa bibliográfica a respeito dos mesmos, analisando que tipos de leituras eram realizadas no Grupo em estudo, bem como a finalidade. Na segunda categoria, observamos a documentação na perspectiva da circulação (CHARTIER, 2010), de como acontecia o acesso aos livros da biblioteca por parte do alunado, ou seja, como ocorria a circulação do material.

Ao longo do século XX, a escola republicana foi se apresentando, com uma expansão gradativa da escolarização, através do crescimento na quantidade de grupos escolares, escolas isoladas, subsidiadas, noturnas e operárias. Contudo, mesmo com o referido aumento, não foi

possível atender à demanda existente, tendo em vista que os prédios escolares se restringiam, em sua maioria, ao atendimento das elites locais, deixando grande parte da população brasileira fora dos muros escolares. Segundo Aranha (2006), o Brasil chegava ao século XX com cerca de 80 por cento de analfabetos, um número que teve um processo lento em sua diminuição e que revela apontamentos sobre a importância do livro e da leitura para a sociedade brasileira.

Essa estatística revela o quanto a sociedade brasileira possuía um considerável déficit de leitores, uma vez que a leitura não era uma prática corriqueira entre os brasileiros, sendo destinada a uma minoria. A respeito dessa minoria que frequentava os bancos escolares, percebemos, através da análise de documentos do Grupo Escolar Barão de Mipibu<sup>1</sup>, que a escola não conseguia atender às exigências sociais do período por diversos fatores, tais como: 1) dificuldade de acesso para os que residiam em locais distantes do centro da cidade, de modo que somente quem podia levar os filhos à instituição permanecia nela; 2) carência de vagas ofertadas; 3) necessidade de sustento dos menos abastados, que fazia com que se procurasse ajudar na renda familiar ao invés de estudar.

A partir da década de 1930 constatamos a existência de escolas noturnas na documentação escolar. Nesse horário havia uma quantidade menor de alunos e com o passar do tempo houve ainda uma diminuição do alunado, pois em 1937 existiam 93 alunos enquanto que no ano de 1941 ser 44. Dessa forma, inferimos que o pouco sucesso da escola no horário noturno se deu por dois motivos. O primeiro está ligado à dificuldade de acesso na época à instituição nesse turno, já que São José, nas décadas de 1930 e 1940 era basicamente rural e a maior parte da população residia em sítios e fazendas. Além disso, esses cursos eram destinados em geral aos alunos considerados fora da faixa etária, que em sua maioria precisavam trabalhar durante o dia e lhes restava apenas noite para estudar, tornando o ritmo desgastante e desestimulante.

Nesse quadro em que foi delineando o perfil do alunado do grupo escolar em estudo, percebemos que um número limitado de pessoas conseguia ter acesso alfabetização e aprendia a ler e a escrever. Nesse contexto, questiona-se como essas pessoas tinham acesso à leitura e como se apresentava a prática leitora desse público.

---

<sup>1</sup> O Grupo Escolar Barão de Mipibu, criado em 09 de agosto de 1909 pelo Decreto nº 204, era uma instituição localizada na cidade de São José de Mipibu, zona canavieira do Rio Grande do Norte próximo a cidade de Natal, capital do Estado. O município teve sua importância na região devido a atividade econômica da cana-de açúcar e a proximidade com a capital. Maiores informações sobre a instituição é possível encontrar na dissertação da autora do artigo, a saber: CRUZ, Paula Lorena C. A. da. A educação como instrumento na construção do imaginário republicano: Grupo Escolar Barão de Mipibu (1909-1920). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

Ao realizarmos pesquisas acerca da prática leitora no Grupo Escolar Barão de Mipibu, encontramos os diários de Classe dos primeiros 20 anos da instituição, os quais revelaram o uso de livros e cartilhas nas aulas. Por sua vez, as disciplinas que mais dedicavam tempo ao ato de ler eram “Leitura e Escrita” e “História Pátria”. Em ambas, observamos que as professoras reservavam momentos de leitura baseados em “dar e tomar” a lição de cada um dos alunos, fazendo-os ler em voz alta, de forma lenta e pausada. Isso induz a compreender que o ato de ler estava relacionado à memorização do texto, sendo esta a prática mais corriqueira associada à leitura. Essa maneira de ler praticada no Grupo Escolar Barão de Mipibu reflete a afirmação de Chartier quanto às influências (épocas, lugares e ambientes) existentes no ato de ler.

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes (2003, p. 173).

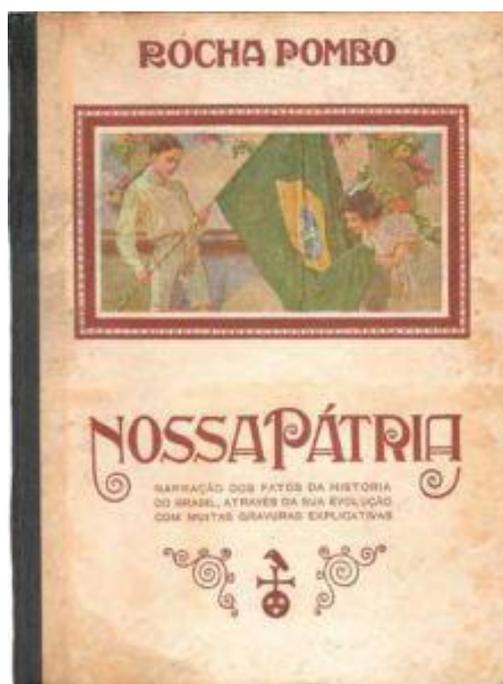
No início do século XX, a escola republicana se tornara o ambiente onde a leitura era praticada constantemente, sendo entendida como uma modalidade em voz alta e pausada, voltada para a memorização do conteúdo.

No Grupo Escolar em questão, a obra utilizada era “Nossa História”, de Rocha Pombo<sup>2</sup>. Esse livreto teve sua primeira edição lançada em 1917, tendo várias outras reedições ao longo dos anos, sendo a última na década de 1960. Continha cerca de 150 páginas e o autor dedica a produção às “crianças e homens simples do povo” (POMBO, 1947), tendo como objetivo “criar e nutrir o sentimento da pátria pelo conhecimento das suas grandes tradições e de seus novos feitos” (POMBO, 1947). Percebemos no conteúdo do livro a preocupação em despertar nos alunos o sentimento patriótico com a exposição de símbolos, heróis e eventos nacionais. O intuito da formação do patriotismo já se mostra relevante na imagem escolhida para compor a capa do livro (Figura 1), na qual observamos duas crianças (um menino e uma menina) a segurarem com reverência a bandeira do Brasil, bem como o próprio título da obra que sugere a construção do sentimento de pertencimento a nação brasileira.

---

<sup>2</sup> O livro “Nossa História” de Rocha Pombo, editado pela primeira vez em 1919, foi utilizado por várias gerações de alunos e professores até a sua última edição em 1960.

Figura 1- Livro “Nossa Pátria” de Rocha Pombo (1947)



Fonte: CRUZ, 2013

A leitura do livro *Nossa Pátria* acontecia tanto nas aulas de História Pátria como em alguns momentos de prática de Leitura e Escrita.

além dessa preocupação com a estética da leitura e escrita, muitos dos textos estavam relacionados ao ensino da História Pátria. Encontramos nos Diários de Classe do Grupo Escolar Barão de Mipibu momentos reservados na aula de leitura ao uso do Livro Didático de História, o que nos faz perceber que, essas aulas também apoiavam o discurso oferecido no ensino da História Pátria (CRUZ, 2014, p. 102)

Nos diários mencionados, encontramos também a página orientada para leitura, bem como o título do texto, como, por exemplo, “Uma menina e um gatinho”, “O patinho II”, “O lobo”, “O doentinho” e “Onde estão os passarinhos”. Cabe dizer que “As Práticas de leitura e Escrita nos Grupos Escolares tinham por objetivo a formação da sociedade letrada norte-riograndense” (MORAIS, 2015, p. 74).

Nas aulas de Leitura e Escrita do Grupo Escolar Barão de Mipibu, que em muitos momentos encontramos escrito Leitura e caligrafia, os alunos deveriam aprender a escrever e ler segundo a norma culta da época. Compreendia-se que para se tornar cidadão capaz de exercer sua cidadania através do voto, o indivíduo deveria ser alfabetizado, saber ler e escrever (CRUZ, 2014, p. 102).

No entanto, todo o incentivo à leitura acontecia apenas dentro da sala de aula. A escola não apresentava uma estrutura de biblioteca ou mesmo um espaço com estante na sala para que os alunos pudessem vivenciar momentos espontâneos de leitura ou pesquisas ou até mesmo levar livros para lerem em casa. A documentação escolar revela essa precariedade no incentivo ao ato de ler, sendo este direcionado apenas pela professora na sala de aula e como via avaliativa da qualidade leitora do aluno.

A década de 1940, afirma Moraes (2015), foi marcada por uma intensa expansão do ensino, tendo uma população escolar de cerca de 37.529 alunos no Rio Grande do Norte. Ao observarmos os dados referentes a grupos escolares no estado percebemos, que existiam 24<sup>3</sup> grupos no ano de 1913 e em 1940 esse número chegava a 37<sup>4</sup>.

No Grupo Escolar Barão de Mipibu, é possível observar através do quadro 1, que também houve aumento na oferta de vagas através das listas de matrículas, que apresentam a quantidade de alunos e os cursos oferecidos. Contudo, esse aumento não foi linear, pois por dois anos consecutivos, de 1938 e 1939, houve uma queda no número de alunos matriculados no grupo referente ao ano de 1937. No entanto, ao observarmos o quadro abaixo de forma geral, concluímos que houve um crescimento significativo de 1936 a 1941, demonstrando aumento do alunado na referida instituição.

Quadro 1 - Total de Alunos do Grupo Escolar Barão de Mipibu por ano (1936-1941)

<b>Ano</b>	<b>1936</b>	<b>1937</b>	<b>1938</b>	<b>1939</b>	<b>1940</b>	<b>1941</b>
<b>Qtd. De Alunos</b>	222	337	324	306	332	460

Fonte: Lista de Resumo de matrículas do GEBM (1936-1941)

Os números referentes a análise feita sobre o crescimento da população educacional no grupo escolar Barão de Mipibu na década de 1930-1940 (quadro 1), bem como os dados apresentados no Rio Grande do Norte, corroboram com a afirmação de Fernando Azevedo ao expressar o crescimento do sistema escolar brasileiro nesse período.

Segundo Fernando de Azevedo, de 1930 a 1940 o desenvolvimento do ensino primário e secundário alcançou níveis jamais registrados até

<sup>3</sup> Informação retirada de Moreira (2005)

<sup>4</sup> Informação retirada de Moraes (2015)

então no país. De 1936 a 1951 o número de escolas primárias dobrou e o de secundárias quase quadruplicou ainda que essa expansão não fosse homogênea, por se concentrar nas regiões urbanas dos estados mais desenvolvidos (apud ARANHA, 2006, p. 309).

Mesmo com esse crescimento a quantidade de escolas ainda era insuficiente perante a demanda, como afirmou o delegado e professor Antônio Fagundes, na conferência Nacional de Educação, ao apresentar a situação do atendimento escolar norte-rio-grandense:

O Rio Grande do Norte possui 70 mil crianças em idade escolar, de 7 a 12 anos e metade desse número era atendida pelo Estado, mais ou menos 7.000 na capital e 28.000 no interior. Mas 70% da população escolar é tão pobre que não pode comprar nem livro nem caderno (A República, 1941, p. 2 apud MORAIS, 2015, p. 65).

O aumento na oferta de escolas no Rio Grande do Norte estava inserido na política nacional de expansão do ensino que o país objetivava, tendo em vista que o alto índice de analfabetismo era considerado algo vergonhoso para a nação. Nesse contexto, verificamos o crescimento e a multiplicação de tipografias e editoras. Além disso, nas décadas de 1920 a meados de 1950, houve um crescimento na produção de livros de literatura infantil, como também didáticos, e com o passar do tempo esses livros foram se tornando desejados no mercado.

Na década de 1930, o país presenciou a primeira preocupação do Governo Federal com a regulamentação do livro didático através do Decreto Lei nº 1006, de 30 de dezembro de 1938. Na legislação, buscava-se definir esse tipo de material como sendo livros de leitura de classe, que expunham de forma parcial ou total as matérias das disciplinas, sendo estabelecido que os livros didáticos deveriam ser selecionados pelos diretores e passar por uma avaliação do poder público. Essa reforma beneficiou o setor industrial do livro, ampliando o mercado didático (ANDRADE NETO, 2016)

## **2. A biblioteca escolar**

A escola dos anos 1930 e 1940 foi sofrendo grande influência do movimento da Escola Nova, que acreditava que a educação poderia transformar a sociedade brasileira. No Manifesto do Pioneiros da Educação Nova de 1932, defendia-se uma escola obrigatória, pública e gratuita a ser implantada em âmbito nacional, ou seja, se pretendia a democratização da educação, em que todos os brasileiros tivessem acesso à escolarização e assim se

erradicasse o analfabetismo do país.

Segundo Vidal (2001), o movimento trazia em suas discussões a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem como um objeto de experiência e conhecimento. Dentro desse contexto foram se apresentando diferentes modos de promoção da leitura, bem como novas funções para o uso dos livros, possibilitando uma abrangência maior ao ato de ler.

No Grupo Escolar Barão de Mipibu, percebemos que alguns fatores influenciaram na prática leitora de seus alunos. Os livros e atas de registro de aquisição e doação de livros revela que a escola possuía uma pequena biblioteca, sem muita estrutura, que possibilitava uma circulação de livros no ambiente escolar. A existência de uma biblioteca significava uma preocupação com o ato de ler, uma forma de incentivo à leitura entre os alunos em um ambiente que expressava a cultura. Para Vidal (2001), entendia-se que os livros deveriam estar à disposição do corpo discente em quantidade.

O estudo dos catálogos e das Listas de entradas e saídas de livros das bibliotecas escolares também possui grande importância, pois possibilita a construção do percurso da leitura nas instituições educacionais. Todos os processos que envolvem o livro, desde a sua produção, passando pela editoração, até o lugar de uso e por quem é usado, contribuem para a compreensão da relevância desse material. Isso sugere que:

a produção, a circulação e o consumo do livro em um dado lugar, em períodos determinados ou por diversificada parcela de leitores; a análise por temáticas distintas, por autores vários, pela tipologia das edições; e a compreensão pelos processos de liberdade ou de censura às formas de expressão e de pensamento, contidos nesses suportes culturais, assim como o seu uso como material escolar (CASTRO, 2015, p. 243-244).

Isso mostra que os ambientes de leitura não eram mais somente a sala de aula ou apenas a escola, já que nas bibliotecas era possível realizar o empréstimo de livros, sendo proporcionados outros espaços de leitura, como, por exemplo, a própria casa, a praça, entre outros. Darnton (1991, p. 218) afirma que o “O ‘onde’ da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência” O fato da leitura sair do ambiente escolar modifica também as maneiras de ler e assimilar o conteúdo lido.

O quadro abaixo, nos traz um exemplo da quantidade de empréstimos feitos no ano de 1949 no Grupo Escolar Barão de Mipibu. Ao observamos as saídas de livros da biblioteca da instituição, percebemos que eram poucas. Os meses de maior retirada de livros era fevereiro e

maio, nos demais meses do ano letivo era bastante escasso os empréstimos, chegando a ter meses, como os de junho e setembro, em que não havia registro de nenhum empréstimo. A respeito do mês de junho podemos inferir que era o mês de férias do grupo e isso explicaria a inexistência de saídas de livros na biblioteca, porém setembro fica uma lacuna sobre a ausência de empréstimos por parte dos alunos.

Quadro 2 - Quantidade de empréstimos de livros do GEBM (1949)

Ano/ Mês	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
1949	5	4	4	6	-	3	1	-	2	2

Fonte: Entradas e saídas de livros 1948-1950

No entanto, ao observarmos o quadro acima e percebermos as poucas saídas de livros, inferimos que o número de usuários era pequeno, pelo menos dos que retiravam os livros da biblioteca. Poderíamos pensar sobre os motivos pelos quais isso acontecia, porém, a documentação ainda não oferece suporte para afirmarmos com precisão o motivo de ser tão pouco procurada a biblioteca para empréstimos de livros.

No entanto, no final de cada página com o relatório de livros devolvidos em cada mês, a bibliotecária anotava o valor que era arrecadado. Quanto mais livros fossem devolvidos, maiores eram os valores. Com isso, podemos inferir que o fato de ser cobrado um valor por empréstimo ou por devolução atrasada pode ter contribuído para o acesso limitado de alunos.

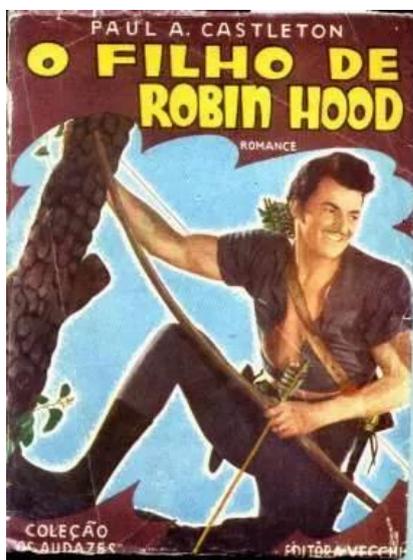
Outro aspecto importante é o tipo de leitura que era realizada. Percebemos que a instituição possuía poucos livros e que estes estavam versados em temáticas de cunho cívico, e romance, poesia e orientações sobre comportamento.

No âmbito de livros com temáticas civis, encontramos um livreto intitulado “A História de São Paulo na biografia de seus nomes mais notáveis” (1895), de Tancredo Amaral. Segundo Vieira (2012), esse livro fora escrito em linguagem simples, com o objetivo transmitir alguns valores como o civismo e o nacionalismo, através da apresentação de biografias de republicanos paulistas, com suas realizações, fomentando a imagem de uma nação de heróis.

A existência desse tipo de livro nas estantes da biblioteca escolar indica que a escola optava pela formação cívica e nacionalista contida no livro de Tancredo Amaral. Esse livro possuía uma certa saída entre os leitores, o que conduz a ideia de que essa era a cultura disseminada no Grupo Escolar Barão de Mipibu.

Outra obra a ser citada é o romance “O filho de Robin Hood” (1946), de Paul A. Castleton. Esse livro era um romance de origem inglesa, com 147 páginas e que possuía muitas ilustrações, uma obra dedicada a literatura infanto-juvenil. As poucas informações sobre a obra indicam que tratava-se da história do filho do legendário Robin Hood, que foi procurado por uma rainha para salvar o rei que se encontrava preso em um castelo sob o domínio de um inimigo seu. Podemos observar que o romance segue a mesma linha do livro citado anteriormente, ressaltando o heroísmo do personagem principal e assim definindo um perfil de cidadão pautado em valores como altruísmo, lealdade e heroísmo. A própria ilustração da capa do livro (Figura 2), nos apresenta o personagem com aspecto aventureiro fazendo uma alusão ao Robin Hood.

Figura 2 - Livro “O Filho de Robin Hood”



Fonte: Mercado Livre (2017).

A capa do livro ao trazer o filho do Robin Hood com características aproximadas do mesmo, corroborou para a construção da imagem dos personagens como heróis, justiceiros, corajosos e altruístas, ressaltando tais valores na formação a sociedade que consome esse tipo de leitura.

Além desses dois livros, localizamos um livro intitulado “O que todo rapaz deve saber”, que também possuía um objetivo formativo do cidadão. Voltado para as questões morais, apresentava o comportamento e as posturas dos meninos em relação ao sexo e à masturbação, bem como a definição do ser homem para a sociedade daquele período, que deveria possuir características como força, velocidade, entender de política, dinheiro e

mulheres, nesse caso saber separar as ‘boazudas’ para ‘rosetar’<sup>5</sup> e as moças ‘ingênuas’ para casar (ARY, 2000).

### **3. Considerações finais**

Este artigo apresenta uma parte de um trabalho maior sobre o Grupo Escolar Barão de Mipibu e discute a formação dos jovens que lá estudavam, através da análise das listas de livros utilizados na instituição. Ao término da pesquisa, percebemos que o Grupo Escolar Barão de Mipibu possuía em sua biblioteca leituras em geral de formação cívica, os nomes dos livros encontrados na biblioteca escolar, apresentavam teor nacionalista e patriótico, da formação de valores como o heroísmo, coragem, amor à Pátria, e altruísmo. Isso, nos conduz a compreender o tipo de formação que era prezada pela instituição educacional, ou seja, a finalidade dessas leituras era a formar o cidadão patriótico.

Dessa forma, concluímos que os estudos na área da história da leitura e do livro possibilitam compreender os processos de alfabetização, como também o modo como a escola abordava a prática leitora e como as leituras oferecidas pela instituição de ensino influenciavam a formação intelectual e moral dos discentes.

Por fim, observamos que existe certa carência de trabalhos no Rio Grande do Norte na primeira metade do século XX acerca de estudos sobre bibliotecas escolares e as finalidades da leitura no ambiente escolar, estendendo-se tal necessidade a nível nacional, sendo necessário um aprofundamento dos estudos. Portanto, compreendemos que o presente artigo buscou contribuir nas pesquisas dessa área ao se propor a analisar os tipos de leituras da biblioteca do Grupo Escolar Barão de Mipibu.

### **Referências**

ANDRADE NETO, Mariano Lopes de. *Projeto gráfico de livros didáticos da educação de jovens e adultos: análise sob a perspectiva dos docentes de escolas de Bauru (SP) e de Avaré (SP)*. 2016. Tese (Doutorado) – UESP, 2016.

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da ação católica à Teologia da libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Selcut, 2000.

---

<sup>5</sup> Boazudas e rosetar eram termos utilizados no período.

CASTRO, César Augusto; VELÁZQUEZ CASTELLANOS, Samuel Luís. O lugar do livro e da leitura no Maranhão Oitocentista: o Gabinete Português de Leitura. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 243-258, maio/ago. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2118>>. Acesso em: 10 fev 2017.

CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos avançados, São Paulo, SP*, n. 24 (69), p. 7-30, 2010. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/10510/12252>> Acesso em 07 ago 2017.

CRUZ, Paula Lorena C. A. da. *A educação como instrumento na construção do imaginário republicano: Grupo Escolar Barão de Mipibu (1909-1920)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

DARTON, Robert. História da Leitura. In.: BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.

GRUPO ESCOLAR BARÃO DE MIPIBU. *Entrada e saída de livros*. 1948-1956. São José de Mipibu, 1956.

GRUPO ESCOLAR BARÃO DE MIPIBU. *Registro de bens móveis*. 1940-1948. São José de Mipibu, 1948.

MORAIS, A. C. de. SILVA; F. de L.; MORAIS, J. S.; COSTA, K.L. S. A leitura e a escrita no espaço escolar norte-rio-grandense (1910-1940). In.: STAMATTO, M. I. S.; MEDEIROS NETA, Olivia (ORGs). *Práticas educativas, formação e memória*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. – (Série Educação Geral, Educação Superior e formação continuada do educador)

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar livros, leituras e práticas de*

*formação docente no Instituto de educação Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Edusf, 2001. (Coleção Historiografia)

VIEIRA, Cleber Santos. Civismo, República e manuais escolares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 325-340 – 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/15.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2017.